

# EDITORIAL

## **Puebla e a missão ad gentes**

Realizamos o 7º Encontro do Centro de Estudos Missionários Latino Americano (CEMLA) em Belém, PA, de 18 a 22 de fevereiro de 2019, hospedes dos irmãos da Região Brasil Norte. Estavam presentes: Rafael Lopez Villaseñor, Estêvão Raschiatti e Elisabete Miguel Espinhara do Brasil Sul; Xavier Martinez e Tea Frigerio do Brasil Norte; Gerardo Custodio do México. Os padres da casa, Saul Ruíz Alvarez e Pino Leoni, participaram ativamente conosco nos debates e na apresentação dos textos, além de nos acolher com muito aconchego. Sentimos a ausência do Pe. Franco Benigni, da Ir. Elisa Silva e dos irmãos da Colômbia.

O Centro de Estudos Missionários Latino-Americano é uma iniciativa que, como diz seus estatutos, tem a finalidade “de refletir sobre a presença e a ação missionária dos xaverianos e das xaverianas na América Latina, através da análise das mudanças sociais, políticas, econômicas, religiosas e eclesiais em ato, à luz de uma leitura interdisciplinar das diversas realidades”.

As grandes questões missionárias de hoje investem de maneira crítica e profunda a realidade de toda Igreja, o significado de sua vocação, de sua atuação profética e de sua relevância no meio de nossas sociedades secularizadas e pós-modernas. Não se trata de questões simples. Ao contrário, temos que lidar com questões cruciais e complexas, e sabemos que para todo problema complexo existe sempre uma solução clara, simples e ... errada. O caminho errado é exatamente oferecer respostas fáceis, práticas e condescendentes com os nossos projetos missionários.

No entanto, os desafios que temos à nossa frente nos obrigam a percorrer caminhos mais árduos e arriscados, que necessi-

tam de investigação e comparação, de pesquisa e análise crítica, de tentativas entre erros e acertos. Isso faz parte da labuta de quem tenta produzir uma reflexão teórica, visto que uma boa prática pastoral necessita sempre de uma boa teoria, e não de um achismo banal.

Por isso, convidamos as coirmãs e os coirmãos a participar desse nosso esforço lendo os nossos textos, fazendo suas anotações, enviando suas críticas e redigindo artigos complementares e/ou alternativos às reflexões deste grupo de estudo. Se não houver essa inter-relação, não somente o nosso empenho fica estéril, mas sobretudo o caminho das nossas congregações missionárias fica seriamente prejudicado com o risco real de sua própria irrelevância. As respostas de fé, às quais sempre recorreremos, de nada valem se não forem incarnadas numa realidade histórica. E a realidade histórica de hoje nos questiona seriamente: afinal, qual é o sentido da missão *ad gentes*?

Em outubro desse ano de 2019 celebraremos um Mês Missionário Extraordinário que nos ajudará a focarmos com determinação sobre esta questão, procurando ver quais são os apelos e os impulsos para a vida de nossas comunidades religiosas e pastorais.

Na América Latina, esses apelos são reforçados pelo aniversário dos 40 anos da III Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano de Puebla (1979), o primeiro grande evento eclesial que convidou a Igreja do Continente a sair de suas fronteiras para “dar de sua pobreza”. Há quatro décadas, porém, os passos que foram dados nesta direção foram um tanto tímidos. As Igrejas do Continente se preocuparam mais com seus próprios problemas e com programas de nova evangelização de curto alcance, deixando a missão *ad gentes* para um futuro indeterminado. Porque essa expressão missionária ainda não encontrou espaço na América Latina?

Alguns dos artigos deste caderno tentam abordar essa questão junto às duas principais opções pastorais lançadas pelo documento de Puebla: a opção preferencial pelos pobres e a opção preferencial pelos jovens. Pobres e jovens são dois sujeitos-chave para entender a concepção latino-americana da missão: um diz respeito ao lu-

gar teológico, seu ponto de partida indeclinável, sua perspectiva e causa fundamental; o outro diz respeito à dinâmica de gratuidade e entrega, assim como ao vigor e à novidade que uma Igreja com rosto próprio, com uma identidade própria, pode injetar no espírito missionário de toda Igreja mundial. Ambos os aspectos são fortemente críticos e entram em conflito com uma visão por demais tradicional, paternalista e eurocêntrica da missão.

Igualmente, quando falamos de missão *ad gentes* a partir de América Latina, devemos lembrar outras duas realidades indissociáveis. A primeira é que não podemos esquecer dos desafios missionários internos ao Continente: em outubro próximo, em Roma, será celebrado um Sínodo sobre a Amazônia. Esse evento eclesial não diz respeito somente para quem trabalha pastoralmente nessa região do mundo. A Amazônia é um lugar de relevância missionária de primeira ordem para toda a Igreja. Ali não estão em jogo somente interesses macroeconômicos, estratégicos ou socioambientais. Estão em jogo também a evangelização com todas suas problemáticas de inculturação, diálogo, libertação e testemunho, diante dos fracassos que se protagonizaram neste território ao longo dos séculos.

Refletindo sobre a realidade amazônica, a vida de seus povos e de sua biodiversidade, gravemente violada por interesses capitalistas, nos resulta incompreensível restringir a atuação missionária a determinados territórios assim-chamados de não-cristãos. Se faz urgente uma análise sócio-religiosa mais estruturada, menos amadora e bem mais atualizada nas nossas reuniões, que adotam frequentemente esquemas ultrapassados ao dividir o mundo entre batizados e não-batizados. A realidade atual não cabe mais nos nossos mapas mentais e nem nos mapas que os nossos fundadores nos deixaram. Está na hora de pensarmos na missão *ad gentes* em termos de relevância e urgência *real* para o hoje da humanidade.

A segunda realidade indissociável junto à perspectiva de uma missão *ad gentes* a partir da América Latina, é a colonização intrínseca à essa própria missão. Apesar do fim do colonialismo, a grande suspeita que paira no ar é que missão e colonização

ainda vão de mãos dadas. Esse foi um dos principais dilemas que motivou o Bento XV a escrever, há cem anos, a Carta Apostólica *Maximum Illud* (“A grande e sublime missão”), denunciando “uma das mais tristes pragas do apostolado” que é “pensar mais à própria pátria terrestre que à celeste”, “o desejo de alargar a influencia do próprio país”, fazendo acreditar que “a religião cristã é a religião de uma determinada nação” e que o missionário “é o enviado de sua pátria, e não de Cristo”. Ainda este desafio nos parece atual, talvez não em termos de pátria-nação, mas de cultura-civilização-desenvolvimento-cristianização. *Descolonizar a missão* de seu etnocentrismo, exclusivismo e universalismo soteriológico, é uma tarefa que exige permanente discernimento, atitude penitencial e conversão, convencidos de que a experiência de encontro/desencontro com os *outros* carrega consigo questões fundamentais sobre o significado da Igreja, o projeto de amor do Pai, a encarnação e a redenção do Filho, a ação do Espírito e suas precisas consequências para a ação evangelizadora.

Além de procurarmos dedicar sempre um artigo sobre a questão histórica da primeira evangelização na América Latina, para indagarmos sobre as raízes coloniais de determinados entraves e de suas possíveis soluções, decidimos que o próximo encontro do CEMLA terá como tema a “Missão decolonial”. Queremos aprofundar essa temática sob os enfoques bíblico-feminista, histórico, filosófico, antropológico, pedagógico, teológico e pastoral, contando com a presença dos nossos irmãos dos Estados Unidos que expressaram o desejo de participar do nosso grupo de estudo.

Isso nos alarga e nos alegra imensamente! Desta maneira a reflexão promete se enriquecer e se configurar ainda mais, proporcionando assim uma análise mais aprimorada e um debate mais articulado sobre o carisma missionário *ad gentes*, um dom que as nossas igrejas possuem e precisam descobrir.

*Belém, 22 de fevereiro de 2019*